

**RESENHA**

Jocenilda Pires de Sousa do Rosário<sup>1</sup>  
Carlos Henrique Lopes de Almeida<sup>2</sup>

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Andurá**: onde tudo é e não é. Manaus: Editora Valer, 2020

O segundo romance de Paes Loureiro apresenta histórias que podem estar em qualquer lugar do mundo. Uma cidade representada de forma alegórica por meio das ações dos personagens. Nela, habitam o real e o imaginário. As micronarrativas trazem o universo ribeirinho amazônico representado na crença pelos seres encantados, nos costumes, na linguagem, na grandiosidade dos rios e da floresta.

A narrativa apresenta momentos trágicos, cômicos, todos interligados e que nos fazem ficar presos à leitura. A escrita mergulha no mundo amazônico e nos apresenta uma linguagem simples, cotidiana, repleta de imaginário.

Andurá é o nome de uma árvore considerada sagrada. Possui poderes relacionados ao fogo, controlando-o e protegendo a floresta. É um lugar onde os habitantes podem perder suas sombras, que passam a transitar e fazer aquilo que seus donos jamais fariam, como uma espécie de maldição lançada sobre o lugar.

O início do enredo é marcado pela instalação do Circo Garcia na cidade de Andurá, localizada à margem do rio Tocantins, na Amazônia. A lona que cobria o circo havia sido pintada por um artista em Maralém. As imagens presentes nela, revelavam paisagens encantadas, como o florescer de um Tambatajá, o canto do Uirapuru e, também, imagens que carregavam tristeza e melancolia como os índios fugindo de suas terras ou sendo mortos pelos conquistadores.

Durante uma das sessões, os personagens do romance aparecem e suas ações são entrelaçadas com o espetáculo. Ao encenarem uma peça do Pássaro Junino (teatro popular regional), no picadeiro, os personagens vão sendo caracterizados, entre eles os políticos, o frei, a beata, os empresários, o matador de aluguel, a pajé, a prostituta. São personagens universais que nos fazem refletir sobre nossas ações e posturas diante da sociedade.

Embaixo da lona do circo, os personagens vão mostrando suas verdadeiras posturas, cheias de vícios e defeitos. As sombras desencarnam dos corpos e começam a fazer parte desse outro espetáculo. Nessas páginas dedicadas às descrições dessas dramaturgias, Paes Loureiro vai construindo um mundo real e um imaginário, “onde tudo é e não é”. Nos faz refletir sobre a condição humana, sobre as pessoas que são ignoradas dentro de uma determinada sociedade por não corresponderem à postura de ser humano ideal, sem defeitos. Outras, que se mostram perfeitas aos olhos da sociedade, vão mostrando suas fraquezas, seus preconceitos.

A figura central do romance é a prostituta Laura, que é desbatizada ao chegar à cidade. Seu nome jamais poderia ser pronunciado. Tornou-se um interdito. Não era bem-vinda aos lugares públicos. Quando resolveu ir à sessão de domingo do circo, passou a ser o alvo dos olhares e dos comentários dos outros espectadores. Ninguém se sentou ao lado dela, como se não existisse naquela sociedade. Mas como naquela cidade tudo é real e irreal, mesmo diante dessas circunstâncias, Laura se sentiu como uma cidadã, ao fazer parte daquele cenário.

Sabemos que tanto a prosa quanto a poesia de Paes Loureiro apresentam importantes ligações com o imaginário amazônico. Com muita leveza, os mais diversos temas são abordados e com riquezas de detalhes. Laura, não era uma simples morena que viera da região das ilhas

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Pará-UFGPA. E-mail: joulpa16@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: carloshlalliteratura@gmail.com

de Andurá, ela dormiu com o boto antes de se tornar prostituta e receber outros homens em sua cama.

Em uma visita a pajé Zeneica, a moça relembra seus encontros com o moço que usava roupas brancas e tinha um chapéu branco na cabeça. Encantava as moças com sua dança e com seu cheiro. Após ser mudiada pelo rapaz, que acreditavam ser o boto, a moça foi expulsa de casa pelo pai que, na época, era dono de um engenho de produção de aguardente. Tornou-se um incômodo para a sociedade e passou a viver se refugiando na culpa e no rancor.

A presença de Laura na cidade fez aparecer as verdadeiras posturas das pessoas. Os homens que não pronunciavam seu nome ou a ignoravam nos locais públicos, eram os mesmos que frequentavam sua casa. As mulheres da cidade a invejavam pela beleza e por ser tão desejada sexualmente. Mesmo que seu nome não fosse pronunciado, ela estava presente nas conversas e nos pensamentos das pessoas.

No café do Gidonda, quiosque localizado na praça da igreja principal da cidade e ponto de encontro de amigos, todos conversavam sobre os últimos acontecimentos do lugar, saboreando os famosos pastéis de camarão. A linguagem, puramente regional apresentava as mais variadas crendices, como o olho de boto seco que Machico, ex-dono de um regatão, usava no bolso para atrair mulheres ou as histórias contadas por seu Grudélio sobre o lobisonho e a matintaperera.

Mergulhado no encantamento amazônico, Paes Loureiro traça um destino para a prostituta. Cansada de ser excluída do convívio social, ela é conduzida a um novo caminho ao contemplar as águas em frente à cidade, onde a Yara sempre aparecia. Era o lugar onde o jovem Anastácio havia sido assombrado. Passou a ficar esperando para vê-la novamente. Certo dia, atirou-se sobre as águas após avistar o rosto de quem desejava ver e nunca mais voltou.

Laura não temia os encantados, gostava de se sentir atraída pelos mistérios. E, sem menos esperar, surge diante de seus olhos, um lindo navio iluminado saindo da ilha da Pacoca-que ficava em frente à cidade de Andurá- e que seguia no sentido de Belém. Após as descrições das lindas cenas daquele encantamento, Laura tem a certeza de que seu novo destino estará no lugar indicado pelo navio. Nesse cenário, o escritor resgata por meio das descrições das cenas vistas pela moça, aspectos da cultura amazônica ao mencionar os mitos que povoam o imaginário local e pela expressão de uma linguagem regional.

Sem que ninguém notasse e com a ajuda do carregador Três Nós, que dizia ter tentado desencantar a boiuna que habitava embaixo da cidade, Laura embarca para Belém. Ao notar que a casa da prostituta estava fechada há alguns dias, dona Cotita, mulher que frequentava a igreja, boa dona de casa, mas que se tornou irracional ao implicar com a presença da moça na cidade, resolve pôr fim ao ambiente que tanto lhe causara raiva. Pagou adiantado a um forasteiro para que incendiasse a casa, já que não havia conseguido pronunciar o nome de Laura numa visita feita a pajé Zeneica para que fizesse um feitiço para expulsar a moça da cidade.

Ao notarem as chamas, alguns habitantes resolveram ajudar jogando água nas chamas, porém sem grande êxito. Sem esperanças de apagar aquele fogaréu, a população presencia uma forte ventania que leva as chamas para o final da rua, como se fosse engolido pela árvore que lá se encontrava, assim como ocorre na lenda indígena, onde a árvore Andurá protege a floresta do fogo e dos males que poderiam destruí-la.

É interessante observar que na capa do livro, Paes Loureiro traz as imagens de Laura e do fogo, como se a árvore engolisse além do fogo, toda a maldade que aquelas pessoas enxergavam existir naquela casa e em Laura. E, a partir daquele momento, a cidade passaria a viver livre daquela maldição.

Já em Belém, a moça resolve ir atrás de sua família que passou a morar na periferia depois que empobrecera. O pai tornou-se alcoólatra e acabou falecendo. A mãe voltou para a região ribeirinha de Andurá. Ao visitar a sepultura do pai, Laura não segurou as emoções. Retira da bolsa uma carta que havia escrito para o pai e que desejava lhe entregar em vida. Era uma

moça que gostava de ler e que tinha o dom da escrita. Entre um soluço e outro ao ler a carta, diz que mudou de vida. Voltou a estudar, que conseguiu um emprego e se casou com um escritor, que era também professor de literatura, homem por quem sempre teve grande admiração e carinho. Que se libertou dos rancores, das dores, das lamentações e que queria ser feliz. Ao final da leitura, pede perdão ao pai por ter lhe causado grande desgosto.

O escritor, que no começo do romance escreveu uma carta para uma editora na tentativa de que lessem seus escritos para publicação, cansado de procurar o livro nas mais diversas livrarias, resolve ir mais uma vez à livraria da editora e recebe um envelope já bastante desgastado com o tempo. Ao abri-lo, verifica que são os seus escritos e que ainda aguardavam por uma avaliação. Às margens do rio Guamá, abre o envelope e começa a ler a história de uma prostituta que admirava muito. Agora, havia um leitor para seu romance. Ao ler cada página, amassava a folha e jogava no rio para serem levadas pelas ondas. De repente, alguém toca em seus ombros, era Laura, que agora estudava Letras e Artes no Campus ribeirinho da Universidade. Sem revelar do que se tratava aqueles escritos ao ser indagado, levanta-se, abraça e beija com paixão a moça e, logo depois, saem caminhando em direção à saída do Campus.

No romance, o escritor apresenta uma outra leitura. Entre um capítulo ou outro, aparecem as Vozes Veladas, como sendo um complemento da leitura, onde as sombras dos habitantes da cidade começam a se desprender dos corpos, por vezes, discordavam das atitudes das pessoas que as geraram e vagavam pelos mais diversos lugares. Um desses lugares é a ilha em frente à cidade, onde além de organizá-la começam a habitá-la, tornando-se felizes por não depender de ninguém e por não serem mais reprimidas. Eram o oposto de seus donos, que continuam a viver em Andurá.

**Data de submissão:** 17.01.2022

**Data de aprovação:** :17.09.2022